

COISAS IMPOSSÍVEIS É
MELHOR ESQUECÉ-LAS
QUE DESEJÁ-LAS.

Camões

ANO XXVI 8-12-77
(Preço avulso: 5\$00) N.º 652

Composição e Impressão
«GRÁFICA EDI'ORA»
Av. João Ferreira da Maia, 20
Telef. 92091 RIO MAIOR

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO
José Maria da Piedade Barras

Redacção e Administração
GRÁFICA LOULETANA
Rua Marechal Gomes da Costa
Telef. 6 25 36 LOULE

25 DE NOVEMBRO — UMA DATA HISTÓRICA

Após longos meses de convulsões revolucionárias que traumatizaram os portugueses e quase lhes fizeram perder a esperança de continuarem livres neste belo cantinho «à beira mar plantado», o 25 de Novembro surgiu, finalmente, como o clarear de uma nova aurora de paz, progresso e tranquilidade para todos.

Certas forças ficaram atemorizadas com a clara vitória dos que pretendem uma democracia autêntica e não encaptada em falsos mitos e consideraram o 25 de Novembro como um «reto da Revolução».

Agora estão empenhados, de novo, no «avanço da Revolução». É evidente que só poderá redundar em cavanço, pois é cada vez mais claro que os 3 anos de experiência revolucionária já deram aos portugueses a maturidade suficiente para perceberem de que lado estão e o que querem aqueles que lhes prometem «as maiores liberdades».

Felizmente que os portugueses, apesar de ameaçados, vilipendiados, exaervalhados, insultados, injuriados

e ultrajados no seu amor próprio, já vão perdendo o medo de falar para dizer corajosa e claramente que rejeitam a submissão a tiranias e querem continuar vivendo num País onde a dignidade, a justiça, a honra, a sua história secular e as liberdades individuais, sejam condignamente respeitadas... porque só assim vale a pena viver.

Com particular evidência para os homens de Rio Maior, pensamos que os agricultores (apesar de muito insultados e sacrificados) terão sido os que mais se têm evidenciado na luta contra a escalada tenebrosa das forças totalitárias que temos e raiosamente persistem em sacrificar

(continua na pág. 6)

ANO PROPEDÉUTICO: PROMOVE OU DESPROMOVE?

Tudo quanto até ao momento se sabe sobre o ano propedéutico, parece que não é tudo quanto se deveria saber.

Tal incerteza leva-nos a interrogar se na sua estruturação não entrou certa dose (demasiada) de improvisação?

Sabe-se, por exemplo, que os alunos para ou pré-universitários (resta resolver a incógnita que sobre eles pesa), tropicam, logo à partida, na falta de textos de apoio que os habilitem a acompanhar e a cotejar o lecionamento de algumas disciplinas ministradas pela televisão.

O princípio não é nada encorajante

(continua na pág. 5)

CARNAVAL DE LOULÉ

Prosseguem os preparativos para que o Carnaval de Loulé, mantendo uma tradição de mais de 60 anos, conheça todo o clima que lhe é peculiar. Com festeiros promovidos pela Câmara Municipal de Loulé e Comissão Regional de Turismo do Algarve, decorrerá o mesmo nos dias 5, 6 e 7 de Fevereiro. Está garantida a participação de mais de 20 carros artísticamente decorados, assim como de ranchos folclóricos, gigantones, majorettes, bandas de música, etc.

A TEIMOSIA DE UM HOMEM

Di. sr. Manuel Coelho Mendes, proprietário dos terrenos por onde se impõe que seja construída em Quarteira, a já famosa via de penetração, encravemos a seguinte carta:

«Quarteira, 28-11-77.
Exmo Sr. Director do jornal «A Voz de Loulé».

Assinante há longos anos do vosso

(continua na pág. 3)

OURO VENDIDO DESDE JANEIRO ascende a 60 toneladas

Segundo divulgação do Banco de Portugal, as suas reservas de ouro diminuíram de 861 para 801 toneladas, desde o princípio do ano até 30 de Setembro.

Esta redução de 7%, inclui 46,2

(continua na pág. 5)

DRA. ROSÁLIA MARIA TEIXEIRA APOLÓNIA

No transacto dia 25 de Outubro, concluiu a formatura em medicina a sr.ª Dr.ª Rosália Maria Teixeira Apolónia, casada com o sr. Adelino

(continua na pág. 5)

Ainda a propósito das Bodas de Prata deste jornal

De que lado está «A Voz de Loulé»?

Com frequência recebemos cartas de leitores corajosos, que não têm medo de exprimir as suas opiniões sobre o abandono da nossa actual situação e que até escrevem no final o seu próprio nome.

Agrada-nos saber que a maioria dos nossos leitores (o aumento da tiragem de «A Voz de Loulé» di-lo com clareza) aplaude a linha de orientação que temos dado a este jornal.

Também sabemos que a alguns desagrada muito que não pensemos pelas suas cabeças para publicarmos sómente aquelas «verdades» (?) que eles gostam de ler.

Temos a noção exacta do sentido da palavra Verdade e por isso não precisamos de proclamar «a verdade

(continua na pág. 5)

PÁGINAS DE ANTANHO (1898):

Citações esparsas extraídas do prólogo de «AS MOURAS ENCANTADAS» do Dr. Ataíde Oliveira

Como já o mencionámos repetidas vezes, vai este jornal, depois de preenchidas as formalidades indispensáveis, ora decorrentes, publicar em moldes de folhetim e reeditar em formato de livro, «As Mouras Encantadas e os Encantamentos do Al-

garve», da autoria do escritor e historiógrafo dr. Ataíde Oliveira.

Enquanto decorrem as diligências que obviam, concomitantemente, a revelação de opiniões de personalidades de flagrante projeção intelectual,

(continua na pág. 4)

Desfecho satisfatório de uma subscrição:

VIRGÍNIA DA CONCEIÇÃO MENDES

já tem a sua cadeira de rodas

Em resultado de uma subscrição lançada por este jornal, a qual encontrou pleno eco e receptividade nos nossos prezados leitores, que num curto lapso de tempo não só

contribuíram com a soma visada, como de pronto a excederam, Virgínia da Conceição Mendes — paralítica da cintura para baixo, que durante

(continua na pág. 3)

O ZÉ RECORDA

velhas máximas campesinas
que são sempre actuais

LER NA PÁGINA 3

Pior que no tempo do fascismo A EDUCAÇÃO PARA RICOS: Grande «conquista» do governo socialista

Artigo de JOSÉ MANUEL MENDES

Mudam-se os tempos, mudam-se as palavras. Os antigos «teóricos do exílio» que agora nos governam, no desplante das suas falhas e inopinidades, com que amargamente se vão auto-desenganar perante o vosso duro das realidades, esquecem-se, ou omitem deliberadamente, to-

da a sua provérbia de ainda recentes defensores de «um ensino democrático, para todos, e com igualdade de oportunidades».

Não ignoramos as dificuldades que se colocam, como aliás sempre se colocaram, na gerência de um

(continua na pág. 2)

PIOR QUE NO TEMPO DO FASCISMO

A EDUCAÇÃO PARA RICOS:
Grande «conquista» do governo socialista

(continuação da pág. 1)

sector fundamental e delicado, como é o da Educação. Somos daqueles que deram durante um certo tempo, um desconto para as indecisões do MEIC, para as suas próprias contradições sucessivas a nível de decretos e contra-decretos, tolerámos mesmo os compassos de espera minimamente necessários a todo e qualquer tipo de planeamento.

Verificamos hoje, desiludidamente, como foi em vão. O MEIC, liderado pelo mito de um homem com testa larga, e com fama prolapada de inteligência de primeiro grau no partido governamental não teve, secundando aliás toda a governação socialista, qualquer estratégia basicamente definida e coerente, consequentemente aplicada. Sottomayor Cardia e a sua equipa, têm-se limitado a resolver pontualmente as questões mais disperas que se lhe têm apresentado, e procurado tomar as rédeas das escolas dominadas pelo movimento estudantil, através de uma série de complicadas negociações, jogadas de bastidores, cedências políticas e imposições pela força.

Como resultado drástico de toda esta floresta de ordens e contra-ordens, chegou-se a uma situação que se pode considerar grave, e não só. Como implicação de todo um conjunto de mini-estratégias pontuais, que são só por si, insuficientes para definir uma estratégia global e coerente para o Ensino, atingiu-se uma série de efeitos que definem o título que escolhemos para este apontamento.

Começando pelo irregular funcionamento dos anos lectivos por toda a parte do País, e nos diferentes sectores do Ensino; pelo trabalho obsoleto da pesada máquina administrativa do Ministério, nomeadamente no que concerne às colocações de professores; passando pelo encerramento de Escolas, pelos cortes de subsídios orçamentalmente vitais aos estabelecimentos de ensino, cantinas e Serviços Sociais; para continuar no aumento de preço das refeições das cantinas, e no anunciado aumento de 200% no preço das propinas, numa altura em que ter filhos a estudar, se vai tornando cada vez mais um luxo para as famílias portuguesas de médias e poucas posses, dados os aumentos brutais dos livros, dos transportes, do material escolar, e outras despesas indispensáveis; para terminar com a instituição do «nu-

merus clausus» para a admissão à Universidade, num regime de seleção que deixa a perder de vista o rigor do «tempo dos fascistas», onde o reformista Veiga Simão, equiparado à actualidade, poderia sem favor classificar-se como um progressista de primeira água, face à política reaccionária e elitista que o governo socialista, pela mão do seu «iluminado» Sottomayor Cardia, está desenvolvendo no sistema educacional português.

Já é tempo de o antigo dirigente estudantil compreender que o Povo português está farto de papagaios que prometem muito enquanto desistem e, depois, ao caírem na sua incapacidade de construir o que quer que seja, se tornam mais «papistas que o Papa», semeando a confusão e o caos, condições de causa e efeito para a infelicidade de uma Nação.

Já é tempo, em suma, que o sr. Sottomayor Cardia compreenda que um Ministério da Educação, que con a com a hostilidade das Associações de Estudantes, do Sindicato de Professores e das Associações de País, só deixa um caminho aberto ao Ministro que o dirige: demitir-se!

João Manuel Mendes

SECRETARIA NOTARIAL
DE LOULÉ

2.º CARTÓRIO

Maria Odilia Simão Cavaco
e Duarte Chagas

Certifico, para efeitos de publicação, que neste Cartório e no livro de notas para escrituras diversas, n.º A-51, de fls. 105, a 108, se encontra exarada uma escritura de justificação notarial, outorgada no dia 25 do mês corrente, na qual Maria Francisca Madeira, ou só Maria Francisca, solteira, maior, e Marcolina Sebastião Madeira Anselmo, cada segundo o regime de separação de bens, ambas residentes nesta vila, se declararam donas e legítimas possuidoras, com exclusão de outrem, respectivamente em usufruto e em sua propriedade, dos seguintes prédios:

N.º 1 — Rústico, constituído por um bocado de terra de semear, com árvores, no sítio da Amendoeira, fregue-

sia de Querença, concelho de Loulé, confrontando do norte com herdeiros de João Sebastião Pereira, do sul com José Emílio Mealha, do nascente com Francisca Estevens Madeira e do poente com Manuel Brito Guerreiro, inscrito na respectiva matriz predial sob o artigo n.º 3673, com o valor matrício de 1120\$00 e o declarado de 15 000\$00;

N.º 2 — Urbano, constituído por uma morada de casas com 6 compartimentos terreiros para habitação, no mesmo sítio e freguesia, confrontando do norte com estrada, do sul e poente com herdeiros de João Sebastião Pereira e do nascente com José dos Santos Costa, inscrito na respectiva matriz predial sob o artigo n.º 992, com o valor matrício de 2 160\$00 e o declarado de 20 000\$00;

Que os mesmos prédios se encontram omisos na Conservatória do Registo Predial deste concelho e lhes pertencem, porquanto, por escritura de partilha,

doação e partilha de bens doados, lavrada neste Cartório, de fls. 106, v.º a 114, v.º, do livro n.º A-49, de notas para escrituras diversas, reservou a primeira justificante para si, o usufruto vitalício sobre os referidos prédios, e a sua propriedade dos mesmos, foi adjudicada à segunda justificante,

Quando dado o disposto no artigo 13.º, n.º 1 do Código do Registo Predial, esta escritura não é título suficiente para registo todavia,

Estes prédios pertencem-lhes porquanto, relativamente ao prédio descrito sob o n.º 1, ter sido adjudicado à primeira justificante, na partilha meramente verbal, a que com os demais interessados procedeu, dos bens da herança, de seus pais José Madeira e mulher, Francisca Maria, casada segundo o regime da comunhão geral de bens e residentes que foram no aludido sítio da Amendoeira, da mesma freguesia de Querença, facto que ocorreu por volta do ano de 1954, e

Que lhes tem sido impossível reduzir a escritura pública, a referida partilha, pois os demais co-herdeiros têm plena consciência de que aquele prédio não lhes pertence, e como tal não dispõe a fazer a escritura, e

Quanto ao segundo prédio, pelo facto de a mesma primeira justificante, o haver construído a expensas exclusivamente suas, no ano de 1950, um talhão de terreno com a área de 92 m², a dasanear de um prédio rústico, no mesmo sítio da Amendoeira, ao tempo omisso na respectiva matriz predial sob o artigo n.º 7744 e que era e é sua propriedade, a verdade, porém,

É que a primeira justificante desde as referidas datas sempre possuiu aqueles prédios em nome próprio, sem a menor oposição de quem quer que fosse, interrupta, ostensiva e pacificamente e com conhecimento de toda a gente, e dado o exposto não lhes é possível provar o seu direito de propriedade plena, sobre os referidos prédios, pelos meios extrajudiciais normais.

Está conforme.
Secretaria Notarial de Loulé, 28 de Novembro de 1977.

O 2.º Ajudante,
Fernanda Fontes Santana

Justificação Notarial

SECRETARIA NOTARIAL
DE LOULÉ

2.º CARTÓRIO

Maria Odilia Simão Cavaco
e Duarte Chagas

Certifico, para efeitos de publicação, que neste Cartório e no livro de notas para escrituras diversas, n.º A-51, de fls. 105, a 108, se encontra exarada uma escritura de justificação notarial, outorgada no dia 25 do mês corrente, na qual Maria Francisca Madeira, ou só Maria Francisca, solteira, maior, e Marcolina Sebastião Madeira Anselmo, cada segundo o regime de separação de bens, ambas residentes nesta vila, se declararam donas e legítimas possuidoras, com exclusão de outrem, respectivamente em usufruto e em sua propriedade, dos seguintes prédios:

N.º 1 — Rústico, constituído por um bocado de terra de semear, com árvores, no sítio da Amendoeira, fregue-

rá ser obrigada em actos e contratos estranhos aos negócios sociais, tais como fianças, abonações, letras de favor e outros semelhantes.

Quinto — Não são exigíveis prestações suplementares ao capital, mas os sócios poderão fazer os suprimentos de que a Caixa Social careça, nas condições acordadas em Assembleia Geral expressamente convocada para o efeito.

Sexto — 1. É livremente permitida entre os sócios a cessão de quotas, no todo ou em parte.
2. A cessão a estranhos só poderá efectuar-se com prévio e expresso consentimento da sociedade, à qual é sempre reservado o direito de preferência em primeiro lugar e a cada um dos sócios, em segundo.

3. Para a concretização deste direito deverá a cessão ser comunicada à sociedade e a cada um dos sócios, por carta registada, com aviso de recepção, ficando desde já estabelecido que o preço corresponderá ao valor nominal da quota, acrescido dos fundos de reserva da sociedade.

Sétimo — Quando a lei não exigir outras formalidades, as reuniões da Assembleia Geral serão convocadas por cartas registadas, dirigidas aos sócios com oito dias de antecedência, pelo menos.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 25 de Novembro de 1977.

O 2.º Ajudante,
Fernanda Fontes Santana

CASA DE ARTIGOS
REGIONAIS

Trespasse-se

Por motivo à vista, trespasse-se o estabelecimento de artigos regionais «Casa Tia Anica», localizado em Vale da Venda (estrada de Faro) próximo da Sumol.

Tratar com Maria Gabriela Brito Martins — Largo João XXIII, 27-1.º — LOULÉ.

(10-7)

SURDOS
CASA SONOTONE
NÃO OUVE BEM!

Procure-nos a fim de fazer um exame e uma demonstração que é gratuita com os mais belos aparelhos do Mundo. Óculos só de encostar à cabeça, sem fios nem pilhas. Uma maravilha de audição. LARINGES ELETTRÓNICAS para os operados à laringe. Vendemos pilhas de todas as voltagens. Prestamos assistência técnica. Procure-nos a fim de fazermos felizes nas seguintes Localidades:

DIA 27 DE DEZEMBRO — 3.ª FEIRA

LAGOS — Farmácia Silva — Das 9 às 10
PORTIMÃO — Farmácia Central — Das 11 às 12
LOULÉ — Farmácia Chagas — Das 15 às 17

Com a vossa visita ficaremos muito reconhecidos em:

LISBOA — Poço do Borratém, 33 S/L — Telef. 868352
PORTO — Praça da Batalha, 92-1.º — Telefone 315602

O ZÉ RECORDA

velhas máximas campesinas

que são sempre actuais

De nebulosos primórdios, herdou o Zé, que simboliza o Povo operário, uma preciosa sabedoria rural sob a forma concisa de porverbiais sentenças.

Não são elas, nem mais nem menos do que recomendações práticas, fundamentadas na calejada experiência amontoada no celeiro da sua memória.

Porque o Zé não faz questão em monopolizá-las e entende que nada se perderá em relembrá-las de novo, aqui seguem umas tantas:

O tempo é mercê de Deus
Mas o lavour e os adubos
Provêm dos cuidados teus.

A terra sabe pagar
A quem sabe lavrar;
Não tem melhor devedor
O pobre do lavrador.

Quem tarda muito em lavrar,
Pouco há-de encoleirar.

A terra não se faz velha,

Duas faces outonais

(continuação da pág. 1) sionomas do ano, cujas mutações servem para recordar de que também o relógio cosmogónico não é fastidiosamente monocórdico. As suas leis experimentam imemoriais variações numa estreita relação com as forças gravitacionais, aproximações, inclinações e afastamentos do astro-rei, de flama eternamente incandescente donde promana um veio, permanente, de energia e de vida.

Precisamente, na data do seu início, a 23 de Setembro, dá-se o segundo equinócio do ano, quando a duração do dia iguala a duração da noite. E até nisso, o Outono tem semelhança com a sua irmã Primavera, que a 21 de Março tem, igualmente, o seu equinócio.

Por sua vez, já o Verão e o Inverno, se mostram antagónicos nos seus solstícios. A 22 de Junho, verifica-se o dia maior do ano e em contrapartida, o menor dia do ano, a 22 de Dezembro.

Daqui, desta evolução constante das condições de tempo com influências demarcadas na Natureza, deriva o simbolismo das quatro idades humanas, tal como no Genesis, os sete dias da criação, simbolizam outros tantos períodos durante os quais o universo não foi criado, como coroado com a degradaria criação da espécie humana — o «homo sapiens».

O Outono, suaviza, e tenta conciliar a aparição agridoce e inesperada do Inverno.

Vai dos seus préstimos, méritos ou deméritos, um Inverno mais ou menos, pouco ou pessimamente suportável.

Assim é o tempo; contingente e volátil é o homem (e muito mais o homem-político), afinal, que se na idade por ele alegoricamente acerta o passo, o mesmo se não dirá do seu comportamento que nem aos signos astrológicos, nem às sibilas obedece.

J. C. VIEGAS

faz-se velho o lavrador.
Queres pamar teu vizinho?
Lavra, sacha, monda o campo
E esterça-o no S. Martinho.

E encherás os teus celeiros
Se tiveres bons lanceiros;
Nunca esperes ter bons gados
Se não tiveres bons prados.

Quem planta no Outono
Leva um ano de abono.

Mais produz culta tapada
Que herdade mal amanhada.

Arrenda a vinha e o pomar
Se o quiseres desgraçar.

Semeia a aveia a fugir,
E a cevada a dormir.

Muito mais teria o Zé para dizer,
mas como tanta sentença pode faltar,
varia um pouco o seu ramerrão,
desta feita com uns ditos mesmo a propósito do tempo chuvoso que faz:

Chuva miúda e névoa aturada
São pingue alimento da terra lavrada.

Dos Santos ao Natal
Inverno natural.

Tempo frio e enevoado
Aduba o alqueive e o prado.

Se o inverno não erra o caminho
Tê-lo-eis em S. Martinho.

Até à próxima, se abertas do tempo o permitirem assim se despede

O Zé Ningúem

A teimosia de um homem

(continuação da pág. 1) conceituado jornal, fui surpreendido com um artigo publicado no n.º 649, de 17-11-77, em que sou injustamente visado.

Não sou teimoso, pretendo defender aquilo que me custou muitas pingas de suor e sacrifícios meus e de minha mulher.

Comprei em 1959, um terreno inculto e abandonado, no estado em que ainda estão os terrenos vizinhos.

Com muito trabalho e sacrifício fiz dum terreno uma horta, com 4 hectares de pomar de citrinos e de péssegueros, que é um mimo na região e abastece a indústria hoteleira local e os mercados de Lisboa e Porto.

Sustenta habitualmente dois casais de lavradores e eventualmente vários trabalhadores.

A terra, devido a todo o trabalho nela incorporado, é hoje de primeira classe, e o pomar está em plena produção com proveito para a economia nacional.

Ora é óbvio que isto tudo não pode ser devassado e em grande parte destruído pela nova via que se pretende abrir, até porque a Lei não autoriza que se destruam terrenos de grande aptidão agrícola e devidamente aproveitados, para o aludido fim.

Aliás nem é necessário destruir qualquer parte da minha horta para essa via, mas apenas terrenos incul-

NA CASA DO ALGARVE:

Conferência intitulada «Alexandre Herculano Bibliotecário»

Biblioteca, e, em seguida, entrou no desenvolvimento do tema.

Recordou que, mesmo durante a Guerra Civil, Herculano, que nela tomou parte, fora nomeado, em 1833, Bibliotecário da Biblioteca Pública do Porto, onde esteve até 1836. Não é, porém, deste período que tratará, mas sim de quando Herculano foi nomeado em 1839, por D. Fernasdo, marido da Rainha D. Maria II, para Bibliotecário da Biblioteca Real da Ajuda. Referiu-se, a propósito, à documentação inédita que, a este respeito, o infatigável historiador António Pereira revelou à historiografia herculaniana em 1957.

Baseado em Vitorino Nemésio, o seu mais autorizado biógrafo, Alberto Iria disse que Herculano tinha, aliás, a preparação humanística necessária para o bom desempenho do cargo para que fora chamado, e o seu aprendizado profissional depressa foi ainda mais enriquecido, com o que lhe ensinaram na Aula de Diplomática, que no seu tempo funcionava no Arquivo Nacional da Torre do Tombo. E acrescentou:

«Mas o pagamento de uma dívida, agora já secular, da cultura portuguesa para com a memória de Herculano Bibliotecário, ao nível de monografia especial, profusamente do-

cumentada e ilustrada, só foi dignamente saldada, há poucos anos ainda, em 1965, por distinta Mulher de Letras algarvia, sócia desta agremiação regionalista: a olhanense dr.ª Mariana Amélia Machado Santos, antiga directora, aposentada, da Biblioteca da Ajuda. Felizmente ainda viva, a sua obra, séria e meticolosa, é merecedora a todos os títulos — e são muitos — de sobre ela, nos debruçarmos um pouco». E a concluir, Alberto Iria afirmou:

— «Recordar simplesmente, como fiz, esta limitada e esquecida página de Herculano Bibliotecário, no Centenário da sua morte, afigura-se-me, portanto, duplo acto de justiça. Justiça à obra de um grande bibliotecário português, que tão digna lição profissional nos soube dar. Justiça ao lisboeta que tão notoriamente enobreceu, com o prestígio do seu nome, e, principalmente, com o seu valioso trabalho um dos maravilhosos e mais aprazíveis sítios de Lisboa, bucolicamente debruçado sobre o Tejo, panorama bíblico, que tantas vezes o olhar romântico e sonhador de Herculano contemplou da sua Casa da Ajuda, Casa que foi, sem dúvida, alforre de Cultura, berço e prefácio de obra historiográfica e biblioteconomica imorredoura.

DESFECHO SATISFATÓRIO DE UMA SUBSCRIÇÃO

(continuação da pág. 1) 43 anos não se separou das muletas — possui agora uma cadeira de rodas e já se movimenta por meio mecânico de fácil manejo.

Graças, portanto, à comiseração, ao espírito de bem-fazer, solidariedade e calor humanos, convergentemente concertados, foi possível levar a bom termo, satisfatoriamente, esta iniciativa por nós perfurada.

Compete-nos pois, neste momento que consideramos a nossa finalidade culminada e completamente atingida, prestar os esclarecimentos adicionais, que a responsabilidade moral assumida voluntariamente por este jornal, como medianeiro, sempre obriga e comporta.

Num breve resumo, aqui fornecemos o somatório das subscrições recebidas:

No número 630 de 7-7-77	200\$00
Idem 634 de 4-8-77	7.091\$00
» 636 de 18-8-77	3.166\$70
» 637 de 25-8-77	592\$50
» 638 de 1-9-77	784\$50
» 640 de 15-9-77	5.092\$80
16 927\$50	

Na nossa edição n.º 640, foi por lapso, que aqui fazemos referência e

contigimos grafada a soma de 15 254\$00 quando se devia ter indicado 16 927\$50.

De acordo com esta última importância as contribuições nessa edição registadas dão, como acima enumeramos, a soma parcelar de 5 092\$80.

A cadeira de rodas adquirida em Olhão, à firma Manuel José Barros, que importou em 10 mil escudos, foi entregue à destinatária Virginia da Conceição Mendes, bem como a diferença em excesso, 6 927\$50.

Na próxima edição publicaremos a fotografia da beneficiária e transmitiremos os seus agradecimentos.

«Feira de Antiguidades»

em Faro

Promovida pela Comissão Regional de Turismo do Algarve vai de 23 a 29 de Janeiro, em Faro uma «Feira de Antiguidades».

O certame efectuar-se-á em instalações do antigo Convento de Nossa Senhora da Assunção (hoje Museu Municipal), sendo simultaneamente exposição e mercado de antiguidades.

Prevista a participação de antiquários de todo o País.

CARIMBOS

Executam-se na

GRÁFICA LOULETANA

Rua Marechal Gomes da Costa
Telef. 62536 — LOULÉ

VENDE-SE PROPRIEDADE

Com casas de habitação a 2 Km de Loulé.

Informa D. Garcete Cristina na R. Manuel Belmarço, 17 — FARO.

JOSÉ GUERREIRO MARTINS, LDA.

CONSTRUI E VENDE APARTAMENTOS

OPORTUNIDADE DESTE MÊS:

1 Prédio em Loulé

1 Apartamento em Faro

Av. Infante de Sagres — Telef. 65457 — QUARTEIRA

10-4)

FIRMINO BOTA GALVÃO

Proprietário da DROGARIA GALVÃO

QUATRO ESTRADAS

Participa a todos os seus amigos que acaba de abrir o seu estabelecimento de Drogaria, Ferragens, Tintas, Materiais de Construção Civil, agradecendo antecipadamente a gentileza de uma visita, contribuindo assim para o progresso desta zona.

Sítio das QUATRO ESTRADAS — Telef. 62979 —

XADREZ

Duas simultâneas gigantes

Numa organização conjunta da Delegação Distrital de Faro da D. G. D. e Associação de Xadrez de Faro, e ainda com a colaboração da Comissão Regional de Turismo do Algarve, realizaram-se nos passados dias 26 e 27, nas cidades de Tavira e Faro, respectivamente, duas «simultâneas gigantes» de xadrez, que foram conduzidas pelos mestres internacionais Joaquim Durão e Fernando Silva, com 25 tabuleiros cada.

Como era de esperar as partidas atraíram elevado número de adeptos o que redundou numa proveitosa propaganda da modalidade.

CITAÇÕES ESPARSAS EXTRAÍDAS DO PRÓLOGO DE «AS MOURAS ENCANTADAS» do Dr. Ataíde de Oliveira

(continuação da pág. 1)

tual, vamos inserindo em notas soltas, algumas passagens vestubulares à obra literária acima citada e que o eminente escritor subscreveu, carinhosamente como dedicatória, ao seu sobrinho José de Ataíde.

São estas as palavras prévias com que o dr. Ataíde Oliveira dá curso à aludida dedicatória:

«José.

Não está bem ao algarvio que preza e ama a sua província assistir de braços cruzados ao desmoronamento das nossas tradições orais, que, por muitos séculos, constituíram o encanto e o entretenimento dos nossos maiores, e muito principalmente quando essas tradições ainda hoje são, um precioso documento por onde podemos aquilatar do estudo intelectual do nosso povo em épocas remotas. As tradições — disse um escritor nosso — são como uma cadeia e nela se afirma a solidade entre o presente e o passado.

Há muito tempo estou convencido de que é um crime descansar beatificamente na suposição de que nas esferas superiores há quem tenha obrigação de zelar por nós os interesses sociais e materiais da nossa província, e essa convicção mais se tem acentuado à vista do quase desaparecimento das nossas lendas, as mais ricas de vestiduras e atavios de Portugal. Por isso, enquanto não aparece patrício nosso, que mais vantajosamente enriqueça a nossa literatura tradicional com a publicação de um livro, onde consigne todas as nossas lendas algarvias, vou, em prosa desataviada, mas sincera, preencher a lacuna, com a publicação das lendas referentes às *mouras encantadas e encantamentos*.

O progresso, com as suas características essencialmente descentralizadoras, tendo aliás proporcionado ao homem mais límpidos horizontes, muito tem contribuído para o esquecimento das nossas lendas. Antigamente, o pai de família, o chefe da casa, sentado à lareira, nas fríidas noites de inverno fazia as vezes do patriarca da antiga lei, e no meio do geral silêncio de seus filhos e netos, com o acatamento profundo dos serviços, contava-lhes tudo o que constituía o passado dos seus avós e a história oral da sua província; de modo que as lendas, por esta tradição constante e não interrompida, radicavam-se na memória das famílias através dos séculos. Hoje, porém as exigências sociais, a facilidade dos transportes pelo encurtamento das distâncias, a rápida transição do seio da família para os bancos das aulas, e finalmente o povo estreitamento das relações comerciais, fora e dentro do país, entre o antigo e novo mundo, têm por tal forma afrouxado o vínculo de família, que as nossas lendas, apenas conservadas na memória do povo, por intermédio daquele vínculo, tendem a desaparecer, refugiando-se quase, exclusivamente, na memória cansada de alguma pessoa antiga, que já não encontra entre os novos quem a queria ouvir.

E, todavia, riquíssimas eram as nossas lendas como ubérmino o terreno e agradável o clima da nossa província, escolhida desde remotíssimas eras pelos povos primitivos. O Algarve foi desde os vetustos tem-

pos procurado e povoado por antigos povos. A sua aproximação do mar muito devia concretar para o seu conhecimento. Creio que a ciência pré-histórica já demonstrou que no solo algarvio existem bastos documentos que provam ter sido o Algarve teatro das civilizações paleolítica e neolítica.

É riquíssimo o cadastro dos monumentos dos velhos tempos, quase escondidos nas primeiras épocas do mundo, e que hoje têm sido encontradas no nosso solo. As cavernas da Sincera e as grutas da Gralheira no concelho de Aljezur, a caverna do Barriga, do Belixe Velho, a gruta dos Ouriços e a furna do João Vaz, no concelho da vila do Bispo, a caverna da Saborosa, em Bensafrim, a caverna do Serro do Algarve, em Mexilhoeira Grande, as cavernas da Mexilhoeira, em Estombar, a furna do Medronhal, fura da Senhora da Rocca em Lagos, as furnas da Ourada, em Albufeira, da Guiné no Algarve, e muitas outras espalhadas pela província em algumas das quais têm sido encontrados ossos humanos ou produtos de indústria humana associados aos despojos dos grandes mamíferos, extintos ou emigrados nas regiões glaciais, demonstram evidentemente, que elas serviram de residência aos trogloditas nos primeiros tempos da vida humana.

Encontram-se também no Algarve outros documentos de alta valia: facas, machados, e lâminas de silex, frechas, pontas de lança, contas de pedra polida, alfinetes de osso, machados de pedra lascada e outros objectos, que na opinião dos sócios, caracterizam as civilizações paleolítica e neolítica. Todas estas gerações primitivas assim como deixaram escrita no solo a sua passagem, devem ter deixado escritas na memória dos povos as suas ideias e sentimentos; ora podemos talvez procurar em origem tão remota os modelos das lendas algarvias.

Após as duas mencionadas civilizações seguiram-se outras de diversos povos que aqui escolheram residência. É sabido que diversas invasões de distintas raças tomaram assento nesta província, e entre estas acentuava-se as Indou-Scitas, os Celtas, os Fenícios, os Cartagineses, os Romanos, Godos e Árabes. Todos estes povos foram por assim dizer, portadores das suas crenças religiosas, então o mais crasso politeísmo.

Os Indou-Scitas, naturais do Oriente, trouxeram consigo as suas crenças pagãs; os Celtas, educados pelos Druidas, sacerdotes gauleses, professavam em alta escala a doutrina da transformação dos homens em animais, com o poder de andar pelo ar como os espíritos superiores, por intermédio de sortilégios; os Fenícios, Gregos e Cartagineses adoravam os homens canoniados pela liturgia politeísta; os Romanos oriam nas sibilas, e, embora os Godos professassem o cristianismo, é certo que este não pôde destruir por completo as tradições pagãs, que os Árabes mais e mais vivificaram durante o seu domínio de seis séculos.

De todas estas civilizações, mais ou menos politeístas, um pouco modificadas pelo cristianismo, ficaram gravados na memória do nosso povo algarvio uns *contos* e umas *lendas* pagãs, que eles por sua vez adaptaram aos mouros, quando estes foram daqui expulsos para Marrocos.

ECOL

UMA EMPRESA MODERNA E DINÂMICA
AO SERVIÇO DO CONSUMIDOR

OVOS — FRANGOS — PATOS — PERÚS

Departamento em ALMADA
Telef. 2760674

Sede e Centro
Telef. 62254 — LOULÉ

TRIBUNA DO EMIGRANTE

Recebemos de Paris onde é impresso, o primeiro número (Outubro de 77) do mensário «Tribuna do Emigrante», lançado pela FATE (Federação das Associações de Trabalhadores Emigrados).

A «Tribuna do Emigrante», que usa com o sub-legenda «por um Portugal donde não precisemos de emigrar», tem por objectivo «dar uma maior unidade ao movimento associativo, divulgar iniciativas das associações de portugueses, estreitar os laços de amizade entre portugueses de várias regiões, contribuindo para a criação dum forte movimento associativo dos trabalhadores emigrados».

Daqui saudamos a aparição da «Tribuna do Emigrante» e desejamos-lhe as maiores felicidades e êxitos.

Contribuições e impostos

Para esclarecimento dos interessados, esclarece-se que se encontram a pagamento durante o mês de Dezembro nas Tesourarias de Finanças, as seguintes contribuições e Impostos:

Imposto de Circulação (4.º trimestre 1977).

Imposto de Camionagem (ou 4.º trimestre) 1977.

Imposto de Compensação (4.º Trimestre) 1977.

Não se verificando o pagamento destes impostos no mês do vencimento, começará a correr imediatamente Juro de Mora.

Passados 60 dias sobre o vencimento dos impostos em que se mostre efectuado o respectivo pagamento, haverá lugar a procedimento executivo.

«A Voz de Loulé», n.º 652 de 8-12-77

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 6.º VARA

ANÚNCIO

(1.ª publicação)

Por este Tribunal correm editos de trinta dias, que começarão a contar-se da 2.ª e última publicação dos anúncios, citando os réus para no prazo de vinte dias, findo o prazo dos editos, contestarem a acção, sob pena de poderem vir a ser condenados no pedido que, em extracto, é o seguinte: condenada solidariamente a pagar à Autora a quantia de de 4 746 804\$00 e nos juros vincendos, à taxa de 8% ao ano, sobre o montante de 4 410 000\$00, desde o dia 3 de Março de 1977, até total reembolso, e ainda em custas, selos e procuradoria.

Acção Ordinária n.º 3686, 1.ª secção.

Autora — Lusotur — Sociedade Financeira de Turismo, S.A.R.L.

Reu: Fletur — Empreendimentos Turísticos, Lda., com última morada conhecida no lugar de Vilamoura, freguesia de Quarteira — Loulé.

Lisboa, 9/11/77

a) Jaime Octávio Cardona Ferreira

O Corregedor,
O Escrivão de Direito,
a) Eugénio Ferreira Pestana

CRÓNICA DE ALBUFEIRA

É de realçar o comportamento dos Bombeiros Voluntários de Albufeira

Os estóicos «soldados da paz», que enquadram os Bombeiros Voluntários de Albufeira, são merecedores do nosso apreço pelo contributo prestado em prol do seu semelhante, o qual faz jus à nossa particular menção e a um aceno de simpatia.

Almoço de confraternização

A clara demonstração de que já é possível voltar a promover neste país almoços de confraternização (apartidária) entre trabalhadores, ficou patenteada na reunião há dias promovida pelo pessoal do sector do Algarve da conhecida firma «Costa Pina & Vilaverde, Lda», que tem a sua sede no Porto e sucursal em Faro.

A reunião decorreu em Vilamoura em ambiente de sã amizade entre todos os membros da família «Carvalhinhos» participantes no almoço.

O desafio de futebol realizado no campo de Vilamoura foi mais um pretexto para vincular as boas relações de amizade entre todos.

Regozijamo-nos pelo facto ocorrido e desejamos que o exemplo frutifique em outras empresas.

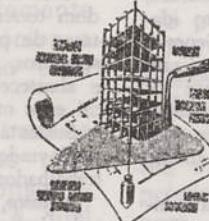


Armelim Contreiras & Gonçalves, Lda.

STAND DE AUTOMÓVEIS
Compra, Vende e Troca Automóveis
novos e usados

Resid.: Rua dos Combatentes da
G. Guerra, n.º 14-1.º-Esq.
Telef. 62919
Stand: Rua Diogo Lobo Pereira

(Largo do Chafariz)
Campina de Cima
LOULÉ



APARTAMENTOS

Vendem-se com 2, 3, 4 e 5 assoalhadas de luxo,
em S. Brás de Alportel, Loulé e Quarteira.

AMÂNDIO & CAVACO.
Av. da Liberdade — Telefones 42387/42433 —
S. BRAS DE ALPORTEL.

PARA AS FESTAS QUE SE AVIZINHAM

PREFIRA O BOLO-REI DA LOULEPÃO

O MAIS SABOROSO
O MAIS ATRAENTE

PROVE O BOLO-REI DA LOULEPÃO

Contacte connosco pelo telef. 62019
LOULÉ

De que lado está «A Voz de Loulé»?

(continuação da pág. 1) a que temos direito, pois é sabido que os mentirosos são exactamente os que têm maior necessidade de apregear a verdade... para se fazerem acreditar.

Vem isto a propósito da carta que o sr. Sebastião Matias nos escreveu do Barreiro e à qual decidimos dar publicidade para que se não pense que apenas publicamos cartas elogiosas.

Este nosso ex-assinante teve a coragem de escrever o seu próprio nome e dizer aquilo que pensa acerca do nosso jornal. Admiramo-lo. Tem todo o direito de o fazer e pode continuar trilhando o caminho que escolheu... até que uma maior experiência política o force a mudar de ideias, embora mantenha o seu ideal.

A liberdade de imprensa foi uma das grandes conquistas do 25 de Abril e isso proporciona aos comunistas a alegria de poderem proclamar publicamente que o são. Sem dúvida nenhuma que têm sabido bem aproveitar-se dessa liberdade e até abusar dela de tal forma que quase destruíram uma Nação com séculos de história.

Mas nós aceitamos que os comunistas existam... porque aceitamos viver em democracia. Só lamentamos que, para eles, democracia seja sinônimo de eliminação total de todos aqueles que não forem comunistas. Ao endeuamento dos seus chefões e a feroz implantação de um único partido, ao qual todos devam cegamente obediência, chamam eles Democracia.

Nós, pelo contrário, aceitamos o diálogo e a existência de vozes discordantes.

Dai a razão porque decidimos publicar a carta que a seguir transcrevemos e até comentá-la:

«Sr. Director:

É com apreensão e uma certa tristeza, que tenho vindo a assistir à degradação sistemática do jornal de que V. Ex.^a é director e que, durante anos, foi uma voz democrática e de resistência que me chegava da terra onde nasci, honrando-me pelos princípios que defendia.

Com o Abril de 1974 chegou não só a libertação do nosso povo, como a possibilidade de todos os portugueses se definirem ideologicamente ou, pelo menos, manterem uma independência que, não poderá ser nunca neutralidade. E, aqui, surgiu o problema universal de todas as sociedades em transformação — a luta de classes.

Como a classe a que pertenço não é (não pode ser nunca) aquela a que certamente, pertence V. Ex.^a, não posso continuar a ajudar financeiramente (sem me degradar também) a feitoria de um jornal que está contra a classe a que pertenço e a prejudicar a construção da sociedade que desejo para Portugal.

De que lado está «A Voz de Loulé»?

Ataca o Governo sem o criticar construtivamente, utiliza o anti-comunismo mais primário, defende o colonialismo e o racismo, deturpa a verdade dos factos em notícias que todos conhecem de outros jornais, que mais será preciso ler nas suas páginas para se chegar à conclusão de que o jornal está ao lado das forças que governaram este país durante cerca de 50 anos?

Faça o jornal que entender, Sr. Director, com os colaboradores que escolher, mas fique certo que não será ele que deterá o curso da história.

Por tudo o que aírás exponho agradecia-lhe que a partir do corrente mês me considerasse desistente de sócio do jornal que dirige.

Com cumprimentos.

Sebastião Matias

Para respondermos incisivamente ao nosso contemporâneo (que não conhecemos) começamos por aproveitar as suas próprias palavras para lhe dizer que é com profunda «apreensão e tristeza que vimos assistindo à degradação sistemática» de um Povo que foi grande entre os maiores que o Mundo jamais conheceu... porque até demos «novos Mundos ao Mundo».

Mas também temos que lhe agradecer a justiça que nos faz ao afirmar que, «durante anos, foi uma voz democrática e de resistência que me

chegava da terra onde nasci, honrando-me pelos princípios que defendia».

É este o melhor elogio que nos poderia dar, porque nos reconhece como verdadeiros amantes daquela democracia cuja pureza de princípios tem sido sistematicamente aviltada.

Rejubilámos euforicamente com o 25 de Abril porque considerámos a «Revolução da Esperança» mas depois sentimo-nos traídos e até mesmo por amigos que, julgámos, estavam comungando connosco.

Rapidamente nos apercebemos que o 25 de Abril não se dirigia à «libertação de um Povo», mas que se pretendia, isso sim, à «escravidão de um Povo» sob uma tenebrosa e implacável ditadura social-fascista, que, entretanto, esfrangalhou uma Pátria, levando alguns maus portugueses a participarem na maior traição de que jamais um Povo foi vítima.

Nós sabemos que são estas lindas verdades que, infelizmente, muitos portugueses, como o sr. Sebastião Matias querem abafar — escudando-se na tal «luta de classes».

No fundo, o que se pretende é a substituição da chamada burguesia por uma nova fidalguia a que só têm acesso as cúpulas do tal partido que, depois, não têm o mínimo de escrúpulos em escravizar o Povo que o pôs no poder.

Quanto a «classes» devemos dizer-lhe que se enganou no número da porta. Ficámos orfão de pai e mãe aos 10 anos de idade e há 40 anos que trabalhamos no duro. Só não estamos incluídos na «classe dos trabalhadores» porque não somos comunistas. Foi essa a «seleção de classes» que o 25 de Abril nos trouxe.

Devemos dizer ao nosso contemporâneo que só se degradará se colaborar com um partido que serve interesses estrangeiros em vez de defender os trabalhadores portugueses.

A nossa luta não é de classes, mas por uma sociedade mais justa e honesta. E haverá algum português, verdadeiramente honesto, que ponha a mão na consciência e concorde com a entrega aos soviéticos das ex-principais ultramarinas?

Denunciar a gula insaciável da U.R.S.S. chama o sr. Sebastião Matias a defender o colonialismo? Que direitos tem a Rússia sobre nós em África para se tornar potência colonizadora de territórios que engrandecemos ao longo de 500 anos?

Só os fanáticos poderiam considerar isto como anti-comunismo primário. O sr. Matias sabe o que é isso de anti-comunismo primário, ou é apenas «música de ouvidos»?

Condenar (só) o racismo na África do Sul e aplaudir o racismo de Angola e Moçambique, de onde os brancos foram escoitados como cães raivosos, é ser honesto? É ser português?

Que falido e nojento mundo este em que vivemos!

Divulgar a verdade que não agrada a certos grupos e difundir notícias que não convêm aos seus interesses é deturpar a verdade?

As notícias que todos (?) conhecem de outros jornais, são tudo mentiras, ou será o sr. Sebastião que tem medo da Verdade?

O sr. Matias pode ler (só) os jornais que lhe agradam e escrever as cartas que quiser e proclamar a «sua» verdade aos quatro ventos que não será isso que «deterá o curso da história».

Estará o sr. Matias ansioso por que sejamos todos subjugados a uma nova e mais cruel ditadura? Ou terá apenas saudades dos «gloriosos» dias gonalvistas, durante os quais o país viveu horas de terror? É disso que gosta?

Deseja, de facto, uma nova ditadura? Não lhe chegaram os 48 anos? Ou achou pouco? Preferirá uma ditadura perpétua?

Devemos dizer-lhe, sr. Matias, que a leitura da sua carta nos entristeceu profundamente, pois revela-nos a existência de portugueses que preferem a Ditadura porque não sabem viver em Democracia.

Possivelmente, para o sr. Matias, Democracia será sinônimo de escravidão, pois o seu ideal deve estar virado para os países das «mais amplas» onde os chefões do partido

impõem uma voz única, uma rádio única, uma imprensa única, uma TV única, um pensamento obediente, lembrando os velhos tempos dos czares a cujas ordens caprichos o Povo obedecia cegamente.

O sr. Matias não gosta de ler «A Voz de Loulé»? Talvez preferisse que fôssemos a «Voz de Moscovo»... ou o «Pravda do Algarve».

Sebastião: junte a sua voz à nossa e pugnemos por uma sociedade mais justa que permita aos homens abrirmos os braços em amplexos de amizade e alegria e abrir as mãos para oferecer algo de seu em vez de fecharem egoisticamente o punho e mantê-lo muito cerrado, muito cerrado para... esconder o que foi roubado.

O sr. Matias ainda não percebeu que a tomada do Poder pelo PCP significa o fim da nossa liberdade e se iniciaria uma longa e penosa caminhada de miséria, sem paz, sem pão, sem habitação, sem saúde, exactamente como está a passar-se na Guiné, Angola e Moçambique?

Quer exemplo mais cruel e flagrante do que nos sucederia?

Ao contrário do que possa pensar (e desejar) sr. Matias, a sua carta veio dar-nos novo ânimo para continuar lutando por uma sociedade mais humana, mais justa, mais democrática e mais livre... de garras imperialistas, quer sejam do Leste ou do Oeste.

(Continua no próximo número)

Ligações turísticas da Finlândia para o Algarve

O operador turístico finlandês «Lommamatkat» principia em Março de 1978 a efectuar um «charter» semanal para o Algarve.

Dois responsáveis por aquele operador estiveram no Algarve, havendo-se instalado no Hotel Algarve, na Praia da Rocha e sendo acompanhados por José Carlos Teixeira, do Centro de Turismo de Portugal em Estocolmo.

A Comissão Regional de Turismo do Algarve distinguiu os dois visitantes com várias atenções.

Ouro vendido desde Janeiro ascende a 60 toneladas

(continuação da pág. 1) toneladas referentes à operação com o Exchange Stabilization Fund dos Estados Unidos da América, que em Fevereiro assumiu a responsabilidade de um empréstimo de 300 milhões de dólares destinado a auxiliar a solução dos problemas cambiais da economia portuguesa.

As explicações dadas, pelo Banco de Portugal não se reportaram ao destino dado às restante 13,8 toneladas, que representam uma redução de 2% nas reservas de ouro nos primeiros nove meses do ano.

...E assim vai desaparecendo o precioso (e por enquanto indispensável) ouro acumulado durante tantos anos pelos (agora) chamados fascistas...

Dra. Rosália Maria Teixeira Apolónia

(continuação da pág. 1) Vicente Baeta Peneira, filho do sr. José Guerreiro Apolónia (falecido na América do Norte) e da sr.^a Maria da Palma Teixeira e neta do nosso prezado amigo e dedicado assinante sr. José Teixeira de Sousa e da sr.^a Francisca da Palma de Sousa Pires, do Monte das Figueiras de Baixo (Loulé).

A Dr.^a Rosália Maria Apolónia foi distinta aluna do Liceu de Faro e concluiu a sua formatura na Universidade de Coimbra.

Os nossos parabéns à jovem médica, assim como a sua mãe e avós, desejando-lhe uma carreira profissional plena de êxitos.

ANO PROPEDÉUTICO:

PROMOVE OU DESPROMOVE?

(continuação da pág. 1) te para quem sabe que para além de um laborioso e angustiante período de aprendizagem, a sua admissão é condicionada pelo «numerus clausus», só dado, no final, a bem poucos afortunados.

Entretanto, o que não se sabe forma uma cadeia de sérias conjecturas!

Sabe-se, porventura, se todos os alunos do propedéutico dispõem ao menos de um televisor e de instalações adequadas?

Sabe-se, a que sistema selectivo obedecem os pontos e os exames de classificação?

Sabe-se, se o tempo consumido por milhares de alunos não representará, no fim de contas, um monumental desperdício de tempo e de dinheiro?

Não há dúvida que as interrogações (que se podem desdobrar) estão em esmagadora maioria perante as poucas e nada tranquilizantes cortezas abonadas, até ao momento, pelo ano propedéutico.

Que objectivo procura atingir o ano propedéutico?

Promover ou despromover?

J. C. Viegas

Torne mais acolhedor o seu lar

COMPRANDO NA

CASA SIMÃO

as mobílias que mais gosta ou os móveis avulso que mais se harmonizem no ambiente da sua casa

Para DECORAÇÕES — ESTOFOS — COLCHOARIA VISITE A

CASA SIMÃO

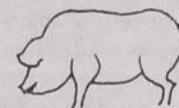
A MOBILADORA

ANTÓNIO SIMÃO VIEGAS, LDA.

Praça da República, 8 — Telefone 62110 PPC

Filial: 34, Avenida Marçal Pacheco, 49 a 51

L O U L É



PRODUTORA DE ENCHIDOS E PRESUNTOS

J. M. GREGÓRIO DE SOUSA

R. Afonso de Albuquerque, 20-22 — LOULÉ

PRODUTOS GREGÓRIO

PRESUNTOS — BANHAS — PAIOS — TORRESMOS — CHOURIÇOS — LOMBOS — SALPICÃO MORCELA

Todos os produtos são fabricados a partir de conserva e mão de obra exclusiva e tipicamente alentejanas

CONSULTE-NOS

NOVA URBANIZAÇÃO

em Almansil

Vende-se lotes de terreno para construção de casas, junto à nova escola.

Tratar com Rogério Alcaria Teodósio — Telef. 94175 — ALMANSIL.

(3-3)

Quotidianos

a crónica de
JOSÉ MANUEL MENDES



OS MILITANTES DO AMOR NOCTURNO

Nas noites longas de Inverno, o Algarve ganha ainda mais esplendor, em novos recantos descobertos e renascidos por entre a menor afluência das multidões, mas num espaço temporal de maior retomada de posições por parte dos indígenas algarvios.

Não se assiste às encheres do Verão, mas os «dancings» acolhem com maior carinho os visitantes da noite, os ávidos do amor, os solitários do copo de whisky, encostados aos balcões, metralhando e partindo corações com o olhar, consumindo néctares de tempo vazio, temperados no piri-piri do desemprego e do desalento.

Dança-se o «shake», hoje predominante, o bate-bate que toda a clientela gosta de aproveitar, para se bandear, para aquecer, para se justificar daquela presença ali, para se misturar em lím, na amálgama de corpos electrizados, que volteiam e rodopiam ao sabor da imaginação, ou da «pedrada», por entre os filtros multi-cores dos holofotes, e as batidas sincopadas da escola musical do disc-jockey.

Logo depois vem o «slow», os solitários abandonam, rendem-se pelas mesas desertas, roçam-se na napa dos bancos de balcão, embriagam a sua sede de vida, enquanto os pares se encostam mais perto, uns simulando ternura, outros avançando-a de peitos escancarados, beijando-se com alma, deixando-se levar na onda de permissão, arrastando-se e entregando-se em abraços lentos, quase imóveis pela pista, olhos cerrados, e bocas apertadas na linguagem do amor.

Nas noites longas de Inverno, o Algarve de fim-de-semana atinge muitas vezes o auge da animação. Mesmo hoje, que a diversão do «dancing» tem acompanhado, e mesmo ultrapassado, em preço, os ritmos da inflação geral, a juventude (principalmente!) ainda arranja disposição, e alento, e dinheiro, para comparecer nestes locais de culto desmistificado, outrora proibidos.

Muitos dos precursores do «free» no nosso país, da moda «hippie», do derrubar de velhas e arcaicas estruturas de convivência social, passeiam-se hoje pelos Casinos, dando moedas a engolir no zoológico das máquinas americanas, no divertimento banal de ouvir tocar uma sineta que nada tem que ver com as trombas de um elefante.

Muitos, muitos desertaram. Mas hoje, ainda se renova a frequência de militantes da noite, como se a escuridão continuasse a alcova mais aprazível ao amor proibido. Como se o amor não tivesse conseguido ainda a sua libertação. Uma reconversão contínua do mesmo sistema, feita por dentro.

Mas ainda, pelas boites de Albufeira, como por Faro, por Vilamoura e Quarteira, o som predominante é o «shake». Depois, o «slow», os olhos cerrados, as bocas falando amor por terras de Algarve.

OBTENÇÃO DE MICRORADIOGRAFIA DO TORÁX

ACTUAÇÃO DAS UNIDADES MÓVEIS DO S.L.A.T. NO CONCELHO DE LOULÉ

No calendário do radiodifusão para o ano de 1977/78, elaborado pelo Centro de Saúde de Faro, está prevista a actuação das unidades móveis do S. L. A. T., para efeitos de obtenção de microradiografias do toráx, no Concelho de Loulé, durante a primeira quinzena de Fevereiro de 1978.

As microradiografias são indispensáveis a todos os indivíduos que trabalham com géneros alimentícios, candidatos a portadores do Boletim de Sanidade, ou portadores do mesmo que necessitam de revalidação.

A falta da micro, quando da obtenção ou revalidação do referido Boletim, obriga à apresentação da radiografia do toráx, paga pelos interessados.

O calendário programado para o concelho de Loulé, incidente em Fevereiro de 1978, como se frisou antes, é o seguinte:

No dia 1, às 15 horas, em Boli-

queime; dia 2, às 10 horas, em Quarteira; dia 3, às 10 horas, em Almancil e às 15 em Loulé — A. T. F. F.; dia 4, às 10 e 13 horas, boletins de sanidade; dia 7, às 10 horas no Liceu e Escola Técnica; dia 8 e 9, às 10 horas, no Liceu e Escola Técnica; no dia 10 às 10 horas, em Alte e 15 horas em Salir; dia 11, às 9 horas em Querença, às 11 horas em Barranco do Velho e às 12 horas no Ameixial.

FOLCLORE PROMOVE TURISMO

Mais uma vez o folclore algarvio vai ser utilizado na promoção turística da região. Assim e numa promoção do operador belga «Luxair», em colaboração com a Comissão Regional de Turismo do Algarve e

CRÓNICA DE ALBUFEIRA Vamos ajudar as crianças

Para nós adultos, é triste verificarmos a pouca atenção que se dá à criança em idade escolar e ao ambiente que a rodeia. Referimo-nos concretamente às crianças que frequentam a escola de Quarteira, e ao ambiente que as rodeia antes e depois das aulas.

Segurança: todos sabemos que as crianças com a sua alegria, impetuosidade e vivacidade próprias da idade, saem da escola em correria louca, inconscientes dos perigos que as rodeiam. No caso da nossa escola (Quarteira) não existe a proteção metálica à saída da porta principal; deveria existir, (como já existem em grande parte das escolas cuja saída principal dá acesso a artérias de grande movimento) em seu lugar existem por vezes carros estacionados, o que dificulta a visibilidade dos condutores que circulam em ambos os sentidos. Sobre o estacionamento junto à escola, porque não se exige o mesmo apenas no lado oposto à saída da mesma? Ou pura e simplesmente proibir o estacionamento de ambos os lados, uma vez que existe espaço mais que suficiente quer a Norte quer a Sul? Proibindo o estacionamento neste local, consegue-se: segurança para a criança, segurança para a circulação nos dois sentidos pois mais facilmente um condutor defende-se de uma saída inesperada dumha criança a correr, defende a própria criança e arranja espaço no lado oposto à saída da Escola para estacionar o contentor do lixo. Será que este contentor com

todos os seus inconvenientes está bem colocado em frente à escola, portanto do lado em que circulam as crianças? Será que não existirá um pouco de boa vontade e compreensão para o colocar no local devido ou seja no lado oposto junto às moradias? Façam isso pelas crianças, olhem que elas merecem.

Quando se fala de segurança, quer na dos bens, quer na das pessoas, somos levados imediatamente a interligar a palavra lei. A lei é clara neste capítulo: junto às escolas devem existir sinal de trânsito convencionais, (placas) indicando a proximidade de um estabelecimento escolar, o que obriga os condutores a tomar as devidas precauções e nos pavimentos as famosas zebras. É verdade que nunca as autoridades se lembraram de pintar no solo as passagens próprias para peões, onde crianças e adultos podem atravessar a via pública com segurança? (aquele a segurança que o cívismo (?) dos nossos condutores concede). Não custa muito senhores governantes, um pouco de boa vontade não é grande exigência. Será? Onde ficariam as passagens para peões (zebras) na área da escola? Na Rua 25 de Abril junto ao cruzamento com a Rua da Escola no sentido ascendente, junto ao supermercado Bala e na parte Norte da Escola no sentido para a rua que dá acesso ao Golférias. Não é pedir muito pois não? (O ideal seria onde ficaria o estacionamento dos carros? Na rua que dá acesso ao Golférias. (Sugestão). Mais um pequeno reparo, no fundo ma's alguma coisa para as crianças: custaria muito às entidades responsáveis mandar arranjar o passeio junto à saída da Escola? Cremos que não, assim as pessoas queiram. Não nos podemos também esquecer da escola da Fonte Santa, também esta deve merecer as benesses da sinalização convencional de trânsito.

Claro que o que acabamos de mencionar para ser posto em prática terá

que ter a colaboração das forças de ordem porque ninguém vai acreditar que o cívismo que até hoje não apareceu, vai aparecer de um momento para o outro, e ter as autoridades competentes a fazerem os cidadãos cumprir as leis não é próprio da Ditadura, é sim próprio da Democracia, onde cada cidadão tem quer sempre presente que a sua liberdade acaba onde começa a liberdade do seu semelhante.

Acabamos solicitando às autoridades competentes que se debrucem um pouco mais sobre as crianças da nossa terra, dando-lhes aquela segurança social que nós adultos não tivemos possibilidades de ter quando crianças. Um pouco de visão para o futuro, coloca os nossos governantes no caminho certo. Acreditamos na coragem daqueles governantes que teimam em fazer o que é justo e certo independentemente do lado que o vento sopre. Para eles aqui deixamos o nosso reconhecimento pelo que fôr feito pelas crianças de Quarteira que frequentam a escola. Vamos ajudar as crianças.

Quarteira, 23-11-77.

Manuel Bota Espadinha

NOVO GERENTE DO BANCO NACIONAL ULTRAMARINO EM LOULÉ

Assumi, em data recente, as funções de novo gerente do Banco Nacional Ultramarino, em Loulé, o sr. José Malé Rocha, nosso compatriota, natural de Silves.

Apresentamos os nossos cumprimentos de boas vindas e expressamos as nossas felicitações, com votos de profícua actividade acompanhada de êxito pessoal.

25 DE NOVEMBRO — UMA DATA HISTÓRICA

(continuação da pág. 1)

este pequeno país à gula insaciável dos interesses imperialistas.

Por isso, o quererem calar a voz dos que mais falam. Por isso as ameaças e o trovejar de nomes feios para os silenciar. Por isso o rebentar das bombas provocadas por ordem dos que não têm argumentos para fazer prevalecer a voz da «sua» razão.

A bomba é a voz dos sem-razão. Dos que falham em argumentos e querem impôr a «sua» pela força... porque lhes falta a força da razão.

Não será correcto acusar alguém sem que haja provas concretas de apuramento de responsabilidades, mas a qualquer inteligência mesmo pouco lúida parece claro que as bombas não interessam aos homens que quem em que os deixam trabalhar naquilo que é seu e em paz, em liberdade, em segurança.

Os lavradores também sentem o direito de fazer ouvir a sua voz e por isso se reuniram em Loulé no passado dia 25 de Novembro para comemorar uma data que marca uma nova fase de uma revolução que trouxe o Povo, consciente da sua história e das suas tradições.

Mas parece que a certos sectores desagradou muito que se façam manifestações ordentas e plenárias esclarecedoras. Por isso se colocam bombas não apenas para destruir coisas, mas também a unidade daqueles que têm um ideal de vida.

Depois acusa-se a direita de colocar bombas como se a direita tivesse interesse em afugentar os agricultores das reuniões que queriam fazer.

É claramente evidente que a CAP gostaria de poder orgulhar-se de promover uma reunião com 100 000 pessoas, mas em Loulé estiveram pouco mais de 4000 (e não escassas centenas) porque a maioria dos agricultores têm as suas tentas para tratar e não querem dar-se ao luxo de perder um dia de trabalho (nem aos sábados e domingos descansam) para tomar parte em manifestações.

Portanto, se quisermos ser honestos teremos que aceitar que as bombas servem a esquerda pela simples

PARA A EUROPA

MISSA DE DOMINGO PELA RDP DE FARO

A Radiodifusão Portuguesa transmitirá, directamente, da Igreja de S. Luís, em Faro, missa dominical no próximo dia 11 de Dezembro, às 11 horas.

A transmissão referida será efectuada para Portugal, em OM e FM, do Programa 2, Grupo de Emissões Regionais, Norte e Centro e Sul, do Programa 1 e para outros países da Europa, especialmente destinada a emigrantes, na banda de Ondas Curtas, dos 25, 30 e 49 metros.

Cantares Natalícios

no Algarve

A Comissão Regional de Turismo do Algarve além de apoiar a realização dos tradicionais «Combates de Charolas» em várias localidades algarvias vai também promover a apresentação destes agrupamentos corais em unidades hoteleiras durante a época natalícia.